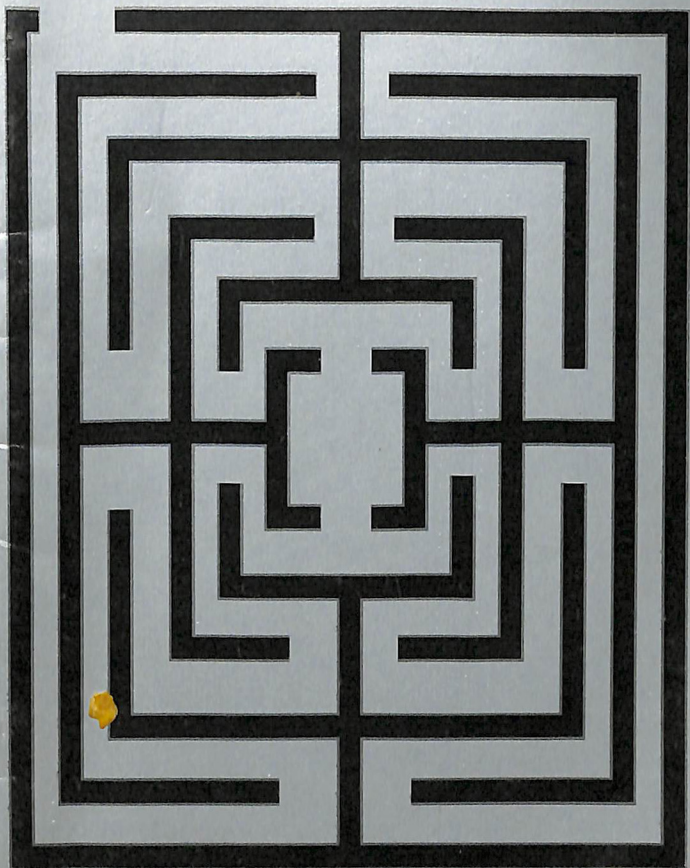


Três Autores Baianos



Germano Machado • Ivan de Almeida • Leda Jesuino

Solidão

um conto inacabado

Germano Machado

Tempestade, ventos fortes, a escuridão cada vez mais densa, o homem de hoje igual o primitivo temendo os raios, mas dentro de Paulo Roberto o vazio continuado.

A solidão atingia-o.

Anos e anos querendo viver e a vida lhe escapulindo entre os dedos, paralisados nas pernas por um desastre ocorrido na juventude.

A mulher, com três filhos abandonara-o, mesmo assim o que recebia da aposentadoria da Petrobrás, destinava-lhes Lembrava-se do amor que, antes do acidente, Stela lhe devotava e como levavam as crianças ao jardim Público.

Não poderia esquecer as declarações amorosas da esposa em momentos que pareciam eternos.

Até os três filhos, um homem e duas mulheres, passavam por ele e ele é que lhes dava a saudação.

A mulher, agora, tinha uns jeitos diferentes, não o cuidava como antes, não dizia em que lugares fora. Eterna miséria humana dos que, por estas ou aquelas circunstâncias, se vêem acamadas e postos á parte...

Um dia notara que seu compadre Renato que visitava com freqüência a casa, mas dando a ele, Paulo Roberto, pouca atenção. Paulo Roberto ainda contava com uma das filhas, Ana Rita para conversar e lhe fazer alguma presença. Ana Rita notava a mãe e via – sentia a solidão de seu pai.

A solidão, o ficar só, às vezes nem consegue o solitário falar consigo próprio, rói e corrói, abrindo, assim, um câncer moral na pessoa vitimada.

O compadre Renato chegara um dia repentinamente e saíra com Stela, esta só chegando às doze horas da noite. Paulo Roberto seque foi avisado do que ocorrera, mas o carro de Renato quase se espatifara, indo ele direto para o hospital.

Ana Rita é que lhe falava. Stela friamente, lá pelas tantas, comunicou-lhe fraseando rápido o que houvera.

Pela tarde desse dia, Paulo Roberto sentira-se mal (era mais o mal íntimo e a solidão contínua o móvel dessa doença) e fora hospitalizado no Hospital Geral do Estado. Era o mais disponível e o médico lhe dissera que o recomendaria a um cardiologista, Dr. Olziel, que além de bom profissional, era também uma pessoa humana compreensiva.

O médico percebeu, na entrevista, que a pressão alteava além das medidas.

Stela aparentou que estava sentida, mas quem providenciou tudo foi Ana Rita...

Um dos filhos, Leandro, aproximou-se do pai e lhe disse gracejando:

Você, pai, conta conosco e é “pau ferro”, nada o derruba.

Assim falou se tanto. O outro, Antônio Carlos, apenas meneava a cabeça.

Paulo Roberto ficou na solidão e, apesar de ser transportado para vários serviços, guardava silêncio.

Dias depois retorna à casa, mais emagrecido e mais reflexivo, porém a solidão permanece a mesma.

Uma noite, já bem tarde, ouviu o diálogo de Stela e Ana Maria:

— Ora, Aninha, seu pai está bem melhor, conta com você e os filhos, eu não posso deixar Renato, nosso compadre, ir para Alagoinhas só, sobretudo por que está separado agora de Norma.

— Mãe, retrucava Ana Maria, seu dever maior é com seu marido, com papai, paralisado, agora com pressão alta...

— Mamãe, veja o que está fazendo e olhe sua responsabilidade.....

— Eu conto com você não é mesmo?

E lá se foram de carro Stela e Renato, que precisava de cuidados, não, porém, como Paulo Roberto.

Sequer passou um telefonema para Roberto e Ana Maria fazendo o máximo e pedindo o apoio dos irmãos...

Até que, em manhã bastante tropical, Paulo Roberto e Ana Maria recebem a notícia dada por Leandro de que iria se casar com Maria do Carmo, filha de antigo Diretor de Paulo Roberto, na Petrobrás, casado com d. Maria do Carmo Magalhães, uma família rica:

— Papai e você como os meninos não precisam se preocupar, as duas Marias, mãe e filha, já prepararam tudo e o casamento será repentino, Vocês terão tudo, papai vai á igreja e o traremos depois para casa.

E assim aconteceu e a solidão caia como blocos de cimento sobre o coração de Paulo Roberto e explicava tintim por tintim o que acontecera ao querido compadre Jaime.

Assim passava a vida. Mais um ano, Leandro tivera um filho - José Marcos Pedreira de Magalhães, que, de quando em vez, ia ver o avô. Ana Rita ao lado do pai. As duas irmãs, uma chamada Margot e a outra, Angélica, também se casaram.

Fixação

Ivan de Almeida

O sol iluminara seus últimos suspiros que corriam frescos pela tarde, ao aproximar da sua ida todos sentiram a melancolia de seu adeus: uma sensação de perda, como se algo houvesse ido com seus raios.

Uma sombra mórbida e sentimental descera sobre aquela cidade do sul baiano, a natureza frígida calou-se emprenhando todos os sentidos destilados nas ruas de pedras. Tudo sinalizava para que os moradores se trancassem nas suas alcovas.

Com o frio fulminante, o galo esqueceu de tecer a manhã, talvez isso deixaria os ouvintes menos aflitos, porém as horas não passavam, em Itapé, a terra parou.

Quando o primeiro macho resolveu pôr os pés no desalento das ruas, recebeu a fúria da tempestade e aquele maldito veio falecer, a natureza fez uma vítima por desafiar sua imposição.

Aproximadamente às 8 horas, o galo resolveu berrar desbravando o amanhã, secando a chuva e abrindo o sol. Todos esses fenômenos aconteceram em cinco minutos. Itapé despertou como que saísse de coma profundo.

A cidade assombrada saíra da jaula após uma noite de pânico, o comentário se alastrara no misterioso dia em que a terra parou.

O Diário Popular não saíra, o noticiário correu pela boca do povo, e foi pela voz do vento que os moradores receberam a notícia da vítima da noite negra como ficaram batizado aquelas sombrias horas de 16 de maio.

A notável notícia ainda não seria do moribundo, mas, sim, do misterioso homem que se hospedara no casarão da família Chaves.

Uma atmosfera misteriosa pairava sobre aquele forasteiro. Passados cinco dias de hospedagem, ele, pálido, alto, com seus passos curtos e firmes, saíra do seu castelo, a cidade já se havia recolhido, era por volta das 22:30 horas de frio intenso e ventania assustadora, parecia a volta da noite negra.

A venda de seu Floriano estava aberta, havia ele e dois cabras jogando dominó cachaça, e se atreviam em desafiar a fúria do tempo.

O momento esperado por todos ocorreu simplesmente. Nada de extraordinário, andava curto, compenetrado, seguia em direção à venda, ao entrar era notório o assombro dos dois cabras que ali jogavam. Seu Flor, muito assustado, perguntou o que ele desejava, o homem falando baixo e olhando firme nos olhos do velho pedira um limão.

O pedido estranho causou mais pavor no velho, com as mãos trêmulas ele não hesitara em atender seu esquisito cliente. O homem agradecendo retornou para sua torre e de lá não mais saiu. Aparen-

temente a cidade adormecia, porém todas as gre-
tas estavam ligadas numa rede municipal da curio-
sidade típica de cidadezinha, seria anormal se esse
fato não fosse presenciado.

Seu Flor, certa vez, ganhara uma nota para
fazer o retrato falado do comprador de limão ao *Diá-
rio Popular*, e a edição do jornal superou todas as
expectativas de venda. Todos esperavam a revelação
do enigma, até cidades adjacentes acompanhavam
o arcano, houve um bolão patrocinado pelo Bingo Ria-
cho Doce para quem desvendasse o mistério.

A fixação foi tamanha que fora formado um
fã club vindo de vários cantos onde roqueiros,
místicos, cabalistas e outros declaravam-se seus
seguidores.

A notícia tornara-se de âmbito nacional, a popu-
lação cobrava uma averiguação, alegavam o caos que
tal homem causara, representando um perigo para a
segurança dos Itapeenses. Um grupo de beatas e até
muitas garotas da *Força Jovem Carismática* pressio-
naram o padre a fazer um ato religioso em frente à casa.

Tudo aquilo era lucrativo, logo deveria ser
explorado, e assim começou uma verdadeira indús-
tria do terror doméstico, jamais vista no País. A
cidade passara a ficar conhecida, o turismo cresce-
ra quase 70%, o comércio aumentou o lucro, lojas
de artigo de terror se alastraram por toda a região,
não havia motivo para pôr fim àquele mistério.

O alquimista incomunicável jamais se pronunciara sobre aquilo, lia a carta de seu mestre gloriando-se por ter alcançado a fórmula perfeita, sua busca de anos havia sido recompensada, foram dias calejados de muito estudo e amor pela arte, porém a voz latente do velho sábio bradava em seus tímpanos:

— Terás que encontrar o ouro interior, isso requer que enfrente a maldição da origem, terás que transcender a tua essência. Enfrentarás uma luta entre ti e teus instintos e a cada instante a casa tentará te tragar, cuida-te para não cair, é preciso de força e trabalho. Trabalha incessantemente.

O discípulo havia perdido o ensinamento do ancião que o criara, e, quanto mais a sede pelo ouro material aumentava, mais a luz da escuridão o dominava.

Quando Luzmar sentira a falta de seus irmãos, resolvera bater na porta assombrada, julgava ela salvar as crianças caso fossem raptadas por tal criatura. Não demorou para ela invadir a casa. Incrivelmente, a porta antiga tão cobiçada por todos estava lá, entreaberta, a menina não hesitou em abri-la e em poucos passos dera de frente com o alquimista que a esperava lendo a *Canção da Mais Alta*, de Rimbaud. A intrepidez de Luzmar dera lugar à apreensão, um frio nos ossos a congelava, eles se olharam durante muito tempo, nada diziam, todavia as palavras dos

olhos berravam, a boca nesse momento era dispensável, o silêncio absurdo. Luzmar sentira o quanto ele aguardara aquele momento.

De repente, duas crianças apareceram brincando, eram seus irmãos, Laís e Mateus. A presença inocente dos meninos deixara a jovem desesperada, a procura do fim era apavorante, a porta havia sumido, a casa como numa mágica passara a ficar distante, tudo transgredia a ordem natural das coisas. O pavor havia chegado e, com a cabeça rodando, a menina teve forças para guiar seus irmãos e tentar fugir do homem. Com o olhar maligno, ele acompanhava as crianças.

Luzmar tivera coragem de olhar para baixo e, para seu espanto a escada não tinha mais fim, aterrorizada procurou os irmãos, inútil, haviam-se perdido de novo nos vários quartos enormes da triste casa.

Após longo tempo, ele adentrou em seu labirinto metodicamente à procura de Luzmar, e com gargalhadas recitava o belíssimo poema a *Alquimia do Verbo*. Sem muito esforço encontraria a menina soluçando com seu irmãozinho. Sem saída, ela não resistiu ao homem, sendo levada para uma sala escura.

O garoto foi junto, mas ele subestimava uma tentativa qualquer daquela criança atrapalhar seus planos. Porém, num momento, de repente o meni-

no passou a quebrar vários objetos. Ele, furioso, cruelmente fere o garoto com um golpe mortal. Luzmar ainda tentaria resistir, todavia a jovem não tinha forças para enfrentá-lo, logo foi dominada. Ele declara seu amor, tinha vindo a sua procura. Naquele no momento, agarrou o brinco da orelha da moça e resolveu provar seu poder, transformando em ouro puro.

— Tudo que quiseses, terás, apenas me venera, ame meu amor. Ele dizia em gargalhadas de felicidade.

A menina chorava lágrimas de sangue, enquanto o maldito a rasgava, a jovem tentava resistir, mas a luta era vã, a ansiedade fez com que ele não percebesse que estavam caídos sobre a fórmula mágica. Possuía Luzmar com sua força secular e não percebera o estrago. Ela, estática, não gritara, após lavá-la com seu sangue branco passaram alguns minutos quietos. A menina, soluçando em meio aos vidros quebrados, armou-se ferindo-o na perna. Nua de corpo e alma, tentou fugir, furioso ele acertou-a de raspão nas costas com a mesma arma que matara o irmão.

Sangrando bastante, conseguiu fugir da fúria do demônio, ela precisava salvar sua irmã, e a procura foi dolorosa.

Trensloucado, não resistira ao poder da origem e se rendera ao pedido da casa, o mal o to-

mou, no instante em que ele ofereceu sua alma em troca do ouro e da amada, ainda que para isso tivesse que transformá-la em uma pedra dourada.

Depois de horas de agonia as irmãs se reencontram, a pequena Laís chorava muito, a irmã mais velha tentava tranquilizá-la, ela sabia que o mal estava a sua procura.

Luzmar pediu a garota para tentar sair da casa e ir à procurar ajuda. O que seria quase impossível, Laís conseguiu com facilidade, a menina desceu as escadas sem fim, passou pela porta invisível, conseguindo salvar-se. A inocente fora em busca de ajuda, enquanto isso, o desalmado vira sua fixação indo embora. Com o seu pedido atendido pelo demo, ele passara a transformar tudo em ouro, Nada mais importava, aficionado, fora à procura de Luzmar, atravessando seu labirinto.

Laécio, filho do falecido seu Flor, andava pela rua quando notou o desespero da criança, e após saber do perigo por que sua amada pasava, resolve partir em busca da jovem.

O tempo apenas aguardou o jovem adentrar na casa para descer uma grande tem-pestade sobre a cidade, foram horas de bramido do tempo anunciando a batalha final.

Ao entrar no labirinto horrendo, sentiu uma opressão, algo muito forte, quase insuperável. Mes-

mo tonto, gritou pela garota, a casa era uma teia, o homem procurava a moça, a moça já ouvira a voz do jovem, Luzmar jamais imaginara que o amor do jovem fosse capaz de colocar sua vida em risco por sua causa.

No mesmo instante, ambos encontraram a garota, estava anunciado o confronto desleal. Luzmar sangrava bastante perdendo muito de suas forças. A morte se aproximava, num cinismo melancólico o homem prometera transformá-las em pedras preciosas.

Como se estivesse pactuada com ele, a casa respondia ao timbre de sua voz, os bravos entraram em luta, com aquele impossível adversário. Laécio perguntava-se como poderia vencer um ser que poderia torná-lo estático apenas num toque.

O momento final era triste, todos já sabiam o desfecho de tal história, a sala grande, os livros antigos, a chuva entrando pelas janelas, presenciavam o destino dos jovens, o fim daquele que ousara enfrentar a fúria de um amor alquimista. Quando Laécio estava prestes a ser tocado pelo inevitável monstro, a pequena heroína atingiu-o com um candelabro, ele cai quase desacordado pela escada. Luzmar puxa o jovem para acompanhá-la na fuga inútil, no entanto Laécio resolveu exterminá-lo e logo parte para o golpe implacável, mas não esperava

que o homem o aguardasse como uma cobra, a hora do bote. Foi assim, numa fração de tempo, que o mal estava agarrado às calças do jovem. A menina sentia que logo seria sua vez, como única alternativa ela atinge o monstro com um chute, salvando assim o garoto das suas garras. Laécio tentou fugir, mas, é novamente surpreendido pela força furiosa e insistente do demoníaco homem. O jovem, sem saída, aguardava seu fim, porém novamente Luzmar o salva das mãos da serpente, o candelabro vai ao encontro da fera, porém, ele estava preparado para tal atitude. A menina o arremessara em golpe fatal, o homem foi capaz de segurá-lo e puxá-la para si. O pânico era contudo total, a fita na perna do rapaz dificultava muito mais sua locomoção, ele pensou em tirar, mas lembrou-se da promessa que fez à pequena Laís.

O fim era inevitável, os dois, nesse instante, passaram a sofrer a ação com o mesmo número e grau. Os jovens se amariam na eternidade. Quando todas as esperanças haviam morrido, surpreendentemente eles encontram forças para arrancar a derradeira fuga, porém o homem, com um golpe quase que fatal, atinge Laécio outra vez. Laécio, ferido, passou a ver o filme de sua vida, pressentindo a morte. Luzmar conseguiu abraçar o amado, já o homem se contorcendo encontrava a última gota para o bote final, e, como no vigor de seus melhores dias,

subiu as escadas em direção aos dois, sorrindo como uma criança.

Luzmar, com o jovem nos braços, que tentara salvar a sua vida, não encontrou alternativa, apenas esperou a morte como algo inevitável e até inebriante.

O alquimista levava sua tristeza naquele instante, seus olhos mostravam a dor do fracasso, a busca do ouro interior fora imperfeita.

Consciente de seu fim fora ao encontro da jovem, porém, muito estranhamente, não a encontrara. Foi o passado retornando com sua força esmagadora, sua raiz, levando para o além do mundo, a triste sina de seus país se abatera sobre ele.

Fausto Chaves teria vencido se os jovens não o surpreendessem. Após a morte de seu único filho, a casa chorava amargamente a mórbida perda, os móveis gritavam, portas e janelas queriam vingança, sem força para erguer-se e fugir daquele pânico, eles aguardavam seu fim, algo dizia que a casa não deixaria eles saírem impunes de tamanha avareza.

A casa se fechara imortal, ora grandíssima, ora pequeníssima, se os amantes não morressem de dor morreriam loucos. Quando não mais havia esperança, o jovem Laécio lembrou-se da fita que havia posto na perna esquerda, salvadora idéia da

doce Laís. Os jovens já não tinham noção onde estavam, o rumo a tomar era uma decisão terrível, a chuva entrava por todos os cantos da casa, relâmpagos. Dores sentidas em meio a uma energia inexplicável do choro da casa, os jovens se arrastando conseguiram a saída apreensiva sem fim.

A chuva havia passado, o sol resplandecera como há muito tempo não fazia, a cidade respirara um ar diferente, pela manhã de sol, vivo, sentiu o aroma nas rosas, perdido por muito tempo. Para surpresa de muitos, os jovens estavam quase mortos em frente ao terrível casarão.

Nada foi tão assustador que aquela noite, os envolvidos mal conseguiram contar o que viveram. Passado o pânico, resolveram enterrar tudo aquilo, era algo muito forte para levar à população.

A vida em Itapé mudaria muito, a cidade nunca mais fora a mesma. Apesar de não saberem toda verdade, aqueles tempos de fixação ficariam marcados.

Apesar de se amaram profundamente, o destino não havia preparado uma história feliz para ambos, pois meses depois Luzmar sumira sem deixar rastros. A jovem resolvera parir o filho do fim, sozinha.

Quanto ao jovem Laécio, isolou-se numa cidade fantasma, alguns dizem tê-lo visto corcunda,

Fixação

vivendo uma vida humilde, escrevendo contos e fingendo a verdadeira identidade. Já a pequena Laís, com sua brandura, sobreviveu muito bem, casara, tornando-se prefeita da cidade, o povo venerava a heroína de fogo. A casa grande tornou-se patrimônio histórico da cidade, um museu bastante visitado por turistas de todas as partes do mundo. O atrativo do ouro é uma fixação.

A Face de Lídia

Leda Jesuino

O sabão de massa escorregou de suas mãos e foi parar lá, debaixo daquele móvel antigo; limpou depressa as mãos, ainda sujas de espumas e se deitou no chão de ladrilho intensamente brilhante, o fruto de seu trabalho de limpeza incorrupta. Estirou os braços roliços e encontrou o retângulo de chão que procurava. Sorriu feliz e continuou seu trabalho. Olhou o céu azul e o sol a pino acusou a boa hora de pendurar aquelas roupas para “*quarar*”.

A comida pronta nas panelas, a casa limpa, a roupa lavada, e, naquele vaso, aquelas flores de pano que ela mesma fizera no convento lhe davam a sensação de estar no paraíso. É verdade que o sofá estava roto, as cadeiras muito estragadas, mas isto não era ponto de referência para avaliar sua felicidade. Havia outros. Rápido o tempo passou e estava chegando a hora de sua felicidade plena, de sua recompensa na mesa. A muqueca fomegava na panela rasa de barro, exatamente como ele gostava: a posta de peixe boiando no azeite coberto de temperos coloridos; o prato de arroz branquinho do lado e a farofa de dendê. Ah! Aquela farofa! Era o ponto alto da sua beatitude, porque ela provocava nele aquele riso largo, aberto,

escancarado, de dente de ouro aparecendo, que lhe dava, às vezes, a vontade de o agarrar ali mesmo na mesa e lhe morder e beijar e lhe puxar pro quarto. Mas se limitava a olhar e ver os olhos dele desejarem, sua face iluminar-se e seus dentes devorarem, com prazer, toda aquela comida feita com amor, preparada para causar aquela sensação de intensidade, dos olhos que desejavam, das mãos ansiosas que serviam até mastigar, saboreando aquela sensação de manjar dos deuses, até o arrastão final acompanhado que levava Lídia ao êxtase: não existe ninguém como você, NINGUÉM, dizia, e o sorriso pleno, o revirar dos olhos para cima, agradecendo aos céus aquela mulher misto de cozinheira e amante, de mulher e fada, que lhe dava a roupa lavada, passada e costurada para vestir, comida gostosa e os filhos limpos, direitinhos na escola, todos os dentes escovadinhos, cabelo penteado e sapato nós pés.

O dinheiro minguado faltava sempre, mas a mulher dava um jeitinho ainda de costurar até noite a dentro umas costurinhas de ganho.

Lídia olhou o homem de sua vida sentado, sem saber o que ele estava pensando, mas certa de que *“é pela boca que se agarra o homem”*. Tinha aprendido a verdade dita e redita pela sua mãe entre boas e gostosas gargalhadas, que era mulher

experiente, sabia das coisas e dentre as coisas que sabia, havia-lhe transmitido esta, como fórmula sábia, verdade das verdades, no assunto delicado e importante de pescar homens no qual São Pedro e mulheres são realmente entendidos; o mais é coisa de livros e teorias vãs. Tinha podido comprovar tudo porque sabia preparar moquecas com toda a sabedoria que convém a uma mulher consciente do seu papel de fiscadora. Ela tinha sido convidada para aquela festança lá na casa da Menininha pra ajudar no fogão. Caprichou porque sabia que depois os convidados vinham até a cozinha dar os parabéns “*ou abraços beliscados*” às mulheres que os transportaram com os seus manjares, ao paraíso da felicidade feita de fome e sede saciada, de olhos ricos daquela visão “*vangoguiana*” de uma mesa boa e farta, daquela festa de cor, do vermelho do azeite boiando, do branco do arroz soltinho, do vermelho dos tomates e do dendê, do verde intenso do pimentão — aquelas rodela bem grandes ali salteadas — tudo em cima daquela toalha azulzinha, da cor do céu.

Foi ali mesmo, na cozinha bem ampla, que ele a apertara no abraço agradecido, com aquele riso rasgado a total. Suas mãos ainda engorduradas pelo manuseio dos temperos, nos seus cabelos um cheiro de dendê muito forte, ela estava como que assim prepada, como que pronta para o seu desti-

no de mulher, quando ele apareceu, desejando-a toda, assim, envolta pelos temperos verdes e pelo cheiro de dendê, ela lhe pareceu a mais apetitosa das criaturas; por isso, ao abraçá-la, sorriu e lhe beliscou no lugar apropriado, para que soubesse que tinha chegado a sua hora. E quando ele a beijou na boca carnuda, ela compreendeu a relação entre a *Boca*, o *Homem* e a *Felicidade*.



Editoração CEPA

Movimento Cultural CEPA

Desde 1951 existindo em prol da cultura baiana